

Ingresso dos Jogos vira dilema para familiares de atleta e fãs

Em meio à pandemia, realização da Olimpíada e presença de público são incertas

TÓQUIO-2020

João Gabriel

SÃO PAULO Ir a uma Olimpíada não é um sonho só de atletas. Muitos apaixonados pelo esporte se programam durante anos, fazem poupança e gastam o que podem e o que não podem pela chance de presenciar o megaevento.

O que acontece quando a realização dos Jogos está incerta há quase um ano, como no caso da edição de Tóquio-2020?

Em março do ano passado, a Olimpíada japonesa, que aconteceria dali a quatro meses, foi adiada para julho e agosto de 2021. O atual cenário da pandemia da Covid-19, porém, deixa no ar tanto a sua realização quanto a presença de público local e estrangeiro nas arenas de competição.

“São quatro anos de investimento. É muito trabalho. Decidimos que vamos para o Japão de qualquer jeito e vamos fazer turismo [em caso de cancelamento], mas vai ser decepcionante”, afirma Rubens Tofolo Junior, 50, organizador do grupo de torcedores Chapolins Brasileiros.

Os fãs ainda têm esperanças de participar de sua terceira



O grupo de torcedores Chapolins Brasileiros quer ir para sua 3ª Olimpíada Arquivo pessoal

Olimpíada, desta vez viajando com 15 integrantes e com cerca de 300 ingressos já comprados para várias modalidades.

Segundo o médico, o investimento para a viagem ao Japão foi mais que o dobro das anteriores, girando em torno de R\$400 mil. Ele destaca que todas as passagens para atravessar o mundo foram compradas com as milhas que acumulou, junto com seu companheiro,

nos últimos quatro anos, em viagens para dar palestras.

Profissional da saúde na linha de frente contra o coronavírus em Belém, no Pará, Tofolo diz que preferiria o cancelamento ou um novo adiamento da Olimpíada do que vê-la de arquibancadas vazias. Sabe, porém, que a situação é muito complicada.

“Como torcedor tenho esperança, mas, como médi-

co, tenho dúvidas. Na minha opinião teria que vacinar todo mundo, inclusive torcedores. Mas até para atletas, será que todos vão tomar a mesma vacina?”, ele questiona.

Segundo determinação da Anac (Agência Nacional de Aviação Civil), companhias aéreas tiveram que permitir aos passageiros remarcar ou cancelar voos durante a pandemia.

A Match, revendedora dos

ingressos olímpicos no Brasil, deu até novembro de 2020 para quem tinha entradas pedir seu dinheiro de volta. A empresa afirma que 75% dos ingressos disponíveis para os brasileiros já foram vendidos. O COI (Comitê Olímpico Internacional) prevê novo período de reembolso, caso necessário.

O advogado Alberto Murray, 55, ex-presidente do Conselho de Ética do Comitê Olímpico do Brasil, se prepara para ir à sua 13ª Olimpíada seguida.

Ele, a mulher e os dois filhos já têm tudo comprado há mais de um ano e também pretendem viajar ao Japão (possivelmente em outra data) caso não possam acompanhar os Jogos. “Acho que eu sofreria, mas o importante é que os atletas não sofram, então minha opção seria que tivesse a competição [sem público] e paciência. Até porque já quebrou um ciclo de treinamento que é muito relevante para os atletas”, diz.

Quem representa bem o dilema entre o melhor para o esportista e o melhor para o público é Elisa Borges, 51, mãe do mesatenista brasileiro Hugo Calderano, sexto colocado do ranking mundial.

Ela conta que ficou na memória quando, na Rio-2016, o ginásio todo gritava “Hugo é melhor que Neymar” para o filho, criando uma atmosfera incomum na modalidade.

“Com público é sempre melhor. Como espectadora e mãe de atleta, preferia que adiasse um ano, mas sei que não é uma opção. Ou vai ter agora ou não vai ter”, afirma.

Não ir aos Jogos de Tóquio é algo que não passa pela cabe-

ça de Silvia de Oliveira Moraes, 50. Ela trabalha como empregada doméstica na casa de Tofolo, que a convidou para os Chapolins em 2015.

Como o investimento dos integrantes é alto (a caixinha feita por eles prevê R\$200 por mês para Jogos Pan-Americanos e R\$500 para Olimpíadas), ela tem auxílio financeiro do grupo, que banca parte dos seus gastos. “Minha maior lembrança foi quando eu vi o [Usain] Bolt. Ele pegou na minha mão. A gente jogou um boneco para ele, aí ele veio com a bandeira perto da gente. Esse dia me marcou”, lembra. Além de ir à Rio-2016, ela esteve no Pan-2019.

Mesmo com o filho classificado, Elisa não tem certeza do que fazer, em razão dos custos e do risco de ter prejuízo se o público for mesmo proibido.

Ela diz que comprou as passagens logo depois do Pan de Lima. Conseguiu lugar para ficar com o marido e a filha por meio de um amigo de Hugo que mora em Tóquio e achou um hotel com preço mais acessível. Como não havia mais ingressos disponíveis para todos os possíveis jogos de Hugo, a família iria mesmo que apenas com as duas entradas disponibilizadas para os atletas.

Elisa já suspendeu a reserva da hospedagem e tem até o fim deste mês para remarcar a passagem sem taxas. O problema é que uma definição sobre a presença de público não deve sair antes de março.

“Queremos estar lá pelo Hugo, mas dificilmente estaremos vacinados e não sabemos se poderemos entrar no país. Estou adiando a decisão.”